

## O CARTEL E A ESCOLA<sup>1</sup>

*Cristina Drummond*

Lacan cria o dispositivo do cartel em 1964. Onze anos depois há um Colóquio onde essa experiência foi avaliada e onde podemos verificar as dificuldades para se assimilar essa proposta arrojada. Em 1980 Lacan oferece-nos novas indicações a respeito do funcionamento do cartel, mas, agora de uma forma mais localizada, numa espécie de redução do que ele pôde concluir de essencial na sua estrutura. Estas indicações são apenas cinco: são quatro os membros que se escolhem e que devem, a partir de seu trabalho chegar a um produto de cada um; esses quatro reúnem-se em torno de um mais-um que deve velar pelos efeitos internos do cartel assim como provocar sua elaboração; deve haver permutação; os resultados e as crises do cartel devem ser expostos a céu aberto; o sorteio é sugerido como forma de se assegurar a renovação.

Se as indicações são poucas, é preciso que possamos extrair sua lógica. Essa lógica diz respeito ao coletivo e à produção de saber. '

O cartel é considerado por Lacan como o órgão de base da Escola e obedece à sua lógica que é a de um saber não totalizado. É exatamente porque o saber em psicanálise é furado, porque há um impossível de se transmitir e de se escrever, que Lacan inventou esse dispositivo, um dispositivo cujo trabalho visa à produção de saber. Que Lacan tenha escrito numa carta a Claude Conté e a Jacques-Alain Miller sua decisão de instituir dois cartéis para retomar a questão do passe, quando o funcionamento no júri de confirmação havia fracassado, nos dá a dimensão de sua perseverança em apostar no cartel, aposta essa que tem continuidade no dispositivo do passe em nossa Escola.

A proposta dos cartéis é a de uma elaboração sustentada dentro de um pequeno grupo, dentro de uma estrutura que visa se diferenciar da organização dos grupos em torno de um líder ou mestre. O saber do mestre é para ser aprendido, admirado ou tomado como um modelo de identificação. Se o mais-um é tomado no lugar do detentor de um saber pronto a ser adquirido, teremos as famosas "crises de cartel". O resultado de saber só pode ser obtido ao se colocar o \$ na posição de mais-um. Essa lógica indica que não há produção de saber se o trabalhador não estiver "embaraçado" pelo efeito subjetivo.

Ao aproximar a estrutura do cartel do discurso histórico, cuja estrutura Lacan dizia ser quase a mesma do discurso da ciência, Miller nos lembra que há na psicanálise, tal como na ciência, um real em questão. Assim; no discurso histórico temos uma estrutura onde o coletivo tem um sentido e o saber ocupa o lugar da produção. A novidade que a ciência nos traz é que há um saber no real que responde às leis físico-matemáticas e que ao se manipular esse saber a ciência pode determinar o real. O que a psicanálise traz de novo para o saber é que há algo impossível de se escrever e o trabalho dos cartéis busca exatamente uma elaboração de saber

---

<sup>1</sup> Publicado na Revista Opção Lacaniana, nº 25. São Paulo: Eólia, p. 3-5, out. 1999.

ali onde o Outro; por estrutura, não responde. Trata-se, aqui, da possibilidade do encontro com o real e da produção de um saber, não para ser aprendido ou descoberto, mas para se inventado, isto é, interrogado e subjetivado de uma nova maneira.

Sua estrutura está justamente montada sobre o conceito de falta. Os cartéis seriam a forma privilegiada de transmissão na psicanálise. O mais-um é um significante que não está no campo do saber como os outros significantes e, dele, só se sabe o que não quer dizer, nada se sabe de seu significado. O enigma desse significante é resolvido de maneira diferente e particular em cada cartel e é por isso que cada cartel só pode ser tomado um a um. A experiência do cartel só pode ser deduzida a partir da série e isso nos leva a discutir as questões do cartel a partir do caso a caso, no espaço reservado para isso em nossa Escolas/Seções. Assim, talvez, possamos elaborar uma clínica do cartel, já que temos em cada uma das experiências um real em questão e uma tentativa de escrevê-lo.

Na experiência do cartel o laço é realizado por uma questão própria de cada um que demanda resposta. São quatro e mais-um decididos a um trabalho e cada um decidido a decifrar uma parte de saber que lhe afeta. E o que a psicanálise nos ensina é que essa resposta não está no Outro, ela depende do trabalho de cada sujeito, um trabalho que não é feito só na privacidade, mas que se faz junto com os outros.

A lógica da estrutura do cartel também deriva de uma determinada lógica do coletivo. Se em Freud temos uma reflexão sobre a lógica dos grupos em "Psicologia das massas e análise do eu", onde ele estuda a Igreja e o Exército como modelos de grupos organizados a partir da identificação com o líder, em Lacan temos em "O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada" a proposta de uma lógica da elaboração coletiva que supõe relações recíprocas de um número definido de indivíduos. Esse texto traz o apólogo lacaniano dos três prisioneiros: cada sujeito deve concluir sobre aquilo que não sabe e verificamos que o tempo tem aqui uma função de precipitação. O sujeito pode saber, mas não sem os outros. E é exatamente desse saber, derivado desta estrutura coletiva, que nossa Escola espera algo.